

# De mãe em filha

## A transmissão da feminilidade

Autora: Marina Ribeiro<sup>1</sup>

Editora: Escuta, 2011

Resenhado por Liliana Dutra de Moraes Avidos<sup>2</sup>

O livro *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*, de Marina Ribeiro se alicerça em extensa pesquisa empreendida em sua tese de doutorado. Procurando estabelecer uma discussão sobre o conceito de feminilidade, a autora irá percorrer os delicados percursos emocionais envolvidos na trajetória bebê-menina-mulher, apresentando conceitos de alguns autores contemporâneos da psicanálise como Jacques André, Jaqueline Godfrind, Eric Bidaud, André Green, Luís Claudio Figueiredo, Thomas Ogden, Florence Guignard, dentre outros; e, mais especialmente, Freud e Melanie Klein.

A autora tem como objetivo a compreensão da constituição da feminilidade nas mulheres, estudando a mente da mãe e de seu bebê, levando em conta interação, continência e intrusão na relação mãe-bebê e seus desdobramentos nessa trajetória.

O livro se organiza em cinco partes. Nas duas primeiras constam conceitos relacionados à feminilidade e suas implicações afetivas. A terceira parte se desenvolve sobre o prazer e o desprazer experimentado na relação entre mães e filhas. Na quarta parte é introduzido o par masculino e feminino e, na última parte, a autora repousa suas reflexões numa articulação teórico-clínica dos conceitos apresentados ao longo do livro.

Perpassam-se os mitos como o de Deméter e Perséfone e o de Electra e Clitemnestra – nos quais o amor idílico e o ódio são a representação da impossibilidade da necessária separação entre mãe e filha para a constituição da subjetividade e da feminilidade.

Articulando pensamentos de Freud e Klein referente à ligação inicial da menina com a mãe, a autora traz a tona textos de Freud sobre a feminilidade, o complexo de Édipo feminino e suas identificações heterossexuais e homossexuais, a vinculação pré-edipiana à mãe, e o conceito de bissexualidade psíquica; bem como apresenta

---

1 Psicanalista; Doutora em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Professora do Instituto Sedes Sapientiae

2 Membro filiado do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

uma discussão com textos kleinianos sobre a fase da feminilidade, a relação com o corpo da mãe, o complexo de Édipo feminino e seus componentes pré-genitais.

Abordando conceitos de Freud, a autora sugere que a entrada na situação edípica seja um refúgio, onde a relação com o pai pode se apresentar como um “bálsamo” perante as intensidades identificatórias, conflitivas e fusionais entre mães e filhas. Para Freud, as meninas responsabilizam a mãe pela falta do pênis e Marina Ribeiro apresenta a hipótese de que haja uma mútua identificação entre mãe e filha, e que o “selo narcísico do idêntico” exige um esforço maior para a formação de um eu feminino diferenciado. Assim, a hostilidade na relação mãe e filha serve muitas vezes como recurso psíquico de diferenciação, podendo transformar-se em uma tentativa frustrada de separação entre ambas.

Explorando as ideias de Klein, a autora descreve a origem precoce do complexo de Édipo, entre o quarto e o sexto mês de vida, período no qual o desmame e as sensações corporais provenientes da interação do bebê com sua mãe são as principais fontes para as fantasias inconscientes. Aqui, entre os personagens do triângulo edípico precoce, o pai se apresenta como o primeiro estranho-familiar para os bebês de ambos os sexos. Marina Ribeiro salienta que a mãe é o objeto primário por excelência para ambos os sexos; surgindo o pai, primeiramente, após a percepção que o bebê tem da mãe como um outro, ou seja, um objeto total.

A diferenciação que ocorre entre a mãe e seu bebê inicia-se quando irá se instalar a posição depressiva juntamente com o que Melanie Klein descreve como fase feminina em meninos e meninas, no corpo/psiquismo da mãe iniciam-se os processos e desenvolvimentos sexuais e afetivos. Quando a realidade se apresenta insatisfatória e frustrante, ela acaba por reforçar as fantasias sádicas no bebê, aumentando o medo de uma retaliação materna.

Tanto para Klein quanto para Freud o apego ao pai é afetado pelo apego da menina à mãe, e muitas mulheres repetem sua relação com a mãe em sua relação com os homens.

Vale salientar a leitura que a autora apresenta do mito de Electra e Clitemnestra, mostrando-nos que a hostilidade como recurso para uma diferenciação da mãe pode resultar num aprisionamento pelo ódio, sendo este que aprisiona Electra à sua mãe. A autora observa que tanto a adoração, o amor idílico, quanto o ódio representam a dificuldade de separar-se do objeto.

Para Klein o motivo primário para o ódio de Electra é que aparentemente não havia sido suficientemente amada por sua mãe e seu anseio de ser por ela amada havia sido frustrado; o ódio poderia ter sido uma saída para a separação caso não tivesse se cristalizado. Godfrind nomeia este ódio de “pacto negro”, no qual por trás do ódio existe um amor passional e até mesmo violento pela mãe.

Por estabelecer uma relação homoerótica com a mãe a menina acaba tendo maior dificuldade do que o menino na construção da sua identidade, pois seu objeto primário é um semelhante. As disfunções femininas, como, por exemplo, a frigidez, podem ter como origem uma dificuldade ou mesmo uma impossibilidade de prazer entre corpos instauradas na relação da menina bebê com a mãe, sendo que esta pode ter sido impedida de apreciar seu bebê do sexo feminino.

Orientada por sua leitura de Jacques André, Marina Ribeiro apresenta o conceito de “império do mesmo”, onde as fronteiras entre mãe e filha são levantadas através de um árduo e constante trabalho psíquico ao longo da vida da mulher, que passa por vários momentos difíceis como: adolescer, sexualidade, maternidade primigesta, ou seja, situações que podem dificultar o delineamento de fronteiras. Aqui também vale lembrar o conflito psíquico da fusão e da diferenciação entre mãe e filha que se encontra presente na gravidez e nos casos de infertilidade. No “império do mesmo” os sujeitos fazem duplas com iguais: mãe e filha, pai e filho, duas irmãs, dois irmãos, na adolescência a melhor amiga; há um apagamento das fronteiras entre o eu e o outro, as semelhanças entre mãe e filha podendo gerar ciladas narcísicas, como a formação de um duplo, conceito trazido por Freud no qual o sujeito identifica-se com outra pessoa a ponto de confundir-se com ela.

A mulher tem uma tarefa difícil, pois, deve separar-se da imagem interna de sua mãe ao menos parcialmente e aceitar sua identidade sexual. A autora ressalta que a possibilidade de uma experiência sexual satisfatória para a mulher tem como base uma separação de sua mãe, mesmo que parcial. A mãe insatisfeita corre o risco de tomar sua filha como uma extensão, na qual a filha só existe para realizar seus próprios projetos, e assim, nestes casos, quando há separação, esta pode ser vivida como uma traição ou até mesmo trazer a propensão à vivência de relações sadomasoquistas. O fracasso na separação entre mães e filhas pode atravessar gerações; com um bebê do sexo feminino a mãe revive sua própria trajetória de individuação.

Éric Bidaud nomeia o vínculo mortífero entre mãe e filha de laço “demetria-no”, remetendo-se ao já citado mito de Perséfone no qual a mãe é ao mesmo tempo indispensável e inaceitável, sem sexualidade genital, e onde há uma redução de toda a diferença, restando ao par mãe e filha uma cilada narcísica, uma união tissular.

Nas terceira e quarta partes do livro, a autora estuda a homossexualidade secundária trazendo aspectos da teoria de Joyce McDougall acerca deste assunto, além do conceito de pacto negro de Halberstad-Freud, e o conceito de bissexualidade psíquica.

Marina Ribeiro traz à reflexão que para crianças de ambos os sexos os desejos homossexuais têm um duplo objetivo, quais sejam, o de possuir sexualmente o genitor do mesmo sexo e, ao mesmo tempo, o do sexo oposto. No caso do complexo de

Édipo invertido na menina, a ela caberia desejar a mãe como parceira erótica e o pai colocado na posição de rival.

Para McDougall, mesmo na mulher heterossexual é importante que haja desejos homossexuais por desejarmos no inconsciente ter as capacidades femininas por identificação com a mãe e a potência e o desempenho por identificação com o pai, revelando assim aspectos de uma bissexualidade psíquica. A autora ressalta que a ligação homoerótica da menina com sua mãe é de difícil integração na construção da identidade feminina, pois a menina tem que conseguir se destacar da mãe, deixando de querer ter a mulher para tornar-se a mulher.

Já para a psicanalista holandesa Halberstadt-Freud a menina estaria duplamente vinculada à sua mãe, primeiramente, por uma relação objetal homossexual e em seguida pela identificação a ela, sendo que ambas pertencem ao mesmo gênero. A heterossexualidade torna-se secundária, pois as meninas seguem ligadas às suas mães durante toda sua vida, podendo renovar com seus parceiros o que tiveram, desejaram ou perderam com elas. Em suas fantasias inconscientes continuam ligadas à mãe como seu objeto homossexual. A experiência sensual da mãe podendo sentir ou não prazer com o corpo da filha, constrói uma geografia sensual entre ambas, que será desfrutada na vida adulta com um homem. Para esta teórica a heterossexualidade nas mulheres vem sempre acompanhada de uma corrente homossexual subterrânea, originária do prazer/desprazer vivido entre mãe e filha.

Na última parte do livro, Marina Ribeiro debruça-se sobre o filme *Sonata de Outono*, de Ingmar Bergman, que trata com notável sensibilidade a relação entre Eva e sua mãe Charlotte, narrada pelo marido de Eva, Viktor. Mãe e filha se encontram a partir de um convite desta última para hospedar-se em sua casa após sete anos sem se verem, ambas estavam enlutadas. A autora apoia-se em Godfrind como interlocutor teórico, que aborda o conceito de pacto negro, o que denota a transmissão de uma feminilidade mortífera entre mãe e filha: encoberto pelo ódio, há um amor nostálgico e violento. As pacientes que viveram o pacto negro sugerem uma convivência com mães imaturas, deprimidas, imprevisíveis, irresponsáveis ou psicóticas, e revelam, assim como Eva do filme de Bergman, uma incredulidade no fato de serem amadas, pois assim não o sentiram por seu objeto de amor primordial.

Para Godfrind (1994), o trabalho de análise com pacientes que constituíram um pacto negro com suas mães leva ao contato com a fragilidade e os limites da mãe real, e este reconhecimento por parte da filha nem sempre é suportável; esta dificuldade de reconhecer e aceitar a fragilidade psíquica da mãe pode se apresentar como um impedimento para a continuidade da análise. A análise pode ser vista como uma oportunidade para romper com este pacto negro, trazendo a possibilidade de perdoar a mãe, de perceber que a mãe também foi prejudicada; isso seria possível diante da

experiência e da identificação com outra mulher – a analista –, mas também poderia ser uma pedra no caminho das análises entre mulheres.

Entendendo um pouco da sexualidade psíquica, pode-se pensar que a feminilidade e a masculinidade, se integradas no psiquismo, geram atos criativos, o que possibilita a construção de um sujeito que viva plenamente sua sexualidade e que seja capaz de realizações.

No que diz respeito à entrada do outro que desilude a ilusão da unidade entre o bebê e a mãe, a autora indica o trabalho de Thomas Ogden, dizendo que para interessar-se pelo pai a menina precisa viver uma relação transicional com a mãe com a função de introduzir o outro: a menina se apaixona pela mãe que está comprometida com uma identificação inconsciente com seu próprio pai em seu grupo interno de relações objetais edípicas. A menina ama primeiramente o pai contido na mãe, a experiência edípica da mãe com seu próprio pai, ou seja, a partir das identificações bissexuais da mãe; é o pai que rompe o encantamento mortífero que a reprodução do idêntico exerce.

Por fim, a autora conclui seu trabalho articulando os conceitos apresentados com rico material clínico, situando-nos na singularidade e na especificidade dos percalços presentes na construção do lugar para a mulher.

Tornar-se mulher não é tarefa fácil. E, ao longo da leitura do livro, percebe-se que a trajetória da feminilidade é uma empreitada tecida a partir de intensos aspectos relacionais, que a autora consegue apresentar de maneira leve e estimulante, sem abandonar o rigor teórico, sempre indispensável, principalmente quando se trata de psicanálise.

Liliana Dutra de Moraes Avidos  
SEPS 705/905, sala 238 | Ed. Mont Blanc  
70390-000 Brasília, DF  
Tel: 61 3242-9973  
moraesliliana@hotmail.com

